

APRESENTAÇÃO

O volume 24, número 1, da revista *Em Tese*, traz como tema **Teatro & Ética**. Essa é a primeira vez que este periódico põe em foco as artes cênicas. Não foi uma tarefa simples, pois compreendemos que o Teatro, graças à multiplicidade de formas que pode assumir, é capaz de reunir em si diversas outras expressões artísticas (literatura, música, dança, pintura, escultura, cinema, arquitetura...). Por ser uma arte de fronteiras que precisam constantemente ser transpostas, os *palcos* nos exigiram escuta atenta às distintas estéticas que deles eclodem.

Nesse momento, o teatro brasileiro vive uma ebulição de literaturas dramáticas e espetaculares que se centram em questões ligadas à visibilidade e representatividade de parcelas da população que foram violentamente minorizadas ao longo da história. É o caso das pessoas LGBTIQ+, negras(os), faveladas(os), mulheres e indígenas. Negando-se

a serem enxergadas apenas como “o outro”, essas artistas cada vez mais tomam posse de suas partes no discurso do sensível, no “nós” de quem enuncia a arte. Sabemos que a linguagem teatral não atua em um solo neutro e, assim sendo, todas essas imagens estéticas incorporam éticas (enquanto valores, formas de pensamento, experiências vividas) que atuam de forma a redefinir não apenas o campo artístico ao seu redor, como também as esferas sociais e culturais.

Pensando na arte teatral como propositora e mediadora dos conflitos que surgem dessas visões de mundo, a *Em Tese* convidou autoras(es) a enviarem artigos sobre as múltiplas interfaces existentes entre **Teatro & Ética**, pensando desde as produções de representações éticas nas estéticas descoloniais contemporâneas ou mesmo abordando revisionismos históricos e estados de exceção.



Flávia Almeida e Gregório Foganholi abrem nosso **Dossiê** analisando as obras *Villa e Discurso*, do dramaturgo e diretor chileno Guillermo Calderón, a partir de um olhar voltado para as imagens de memória e anacronismo que permeiam as peças. Calderón também está presente no texto de Luísa Lagoeiro, que pesquisa *Escuela e O pão e a pedra* (esta da Companhia do Latão). A autora investiga a presença de ditaduras militares nesses expoentes da dramaturgia latino-americana contemporânea. Em seguida, Andrea Quilian e Rosani Ketzer Umbach se debruçam sobre *Henrique IV*, de Luigi Pirandello, buscando entender, a partir de uma perspectiva moderna, de que forma a loucura se manifesta no texto e qual sua utilidade para o protagonista. Carlos Giovani Dutra Del Castillo centra sua averiguação no auge do teatro barroco por meio de dois de seus principais expoentes: Lope de Vega e Calderón de la Barca. Dessa forma, discute os aspectos estéticos

e éticos do barroco espanhol, dentro do gênero dramático desse período. Marco Aurélio Rodrigues estabelece um panorama sobre a presença das tragédias femininas no teatro brasileiro contemporâneo. Para tanto, indaga as potências éticas de *Medeia e Antígona* que permanecem ativas do século V a.C. até os dias hodiernos. Logo após, Carla Dameane trata das relações que o Coletivo Pixote, de Salvador, estabelece com os jovens da “Fundação da Criança e do Adolescente (FUNDAC)”, ressaltando as especificidades do trabalho formativo educacional no contexto da socioeducação, a partir da realização de oficinas de criações artísticas interdisciplinares – orientadas pelos princípios do Teatro do Oprimido. Jéssica Ribas elenca o espetáculo *O Deserto*, do Grupo de Teatro Mulheres Míticas, como centro de seu artigo. A peça, que foi livremente inspirada no romance *El desierto*, de Carlos Franz, cria diferentes movimentos que ora falam sobre as atrocidades cometidas



pela “Caravana da Morte” – durante a ditadura militar de Augusto Pinochet no Chile –, ora remontam a atual crise política vivida no Brasil. Ribas parte do conceito de “anacronismo”, do filósofo francês Georges Didi-Huberman, para deflagrar os tempos heterogêneos que podem habitar uma mesma imagem. Thiago Landi opta por lugares político-anárquicos, propostos por Jacques Rancière e Sara Rojo, para analisar as posições dos criadores e também dos espectadores frente ao espetáculo *À tardinha no Ocidente*, de Marina Viana. Landi reconhece nas formulações éticas e estéticas da obra a entrega de chaves de leitura para se pensar a complexa história do Brasil. Fabrício Trindade, na mesma esteira que Ribas e Landi, direciona seu olhar para o teatro contemporâneo de Belo Horizonte. O autor questiona possíveis formas de resistência promovidas pelo espetáculo *A mulher que andava em círculos*, do Mayombe Grupo de Teatro, em um contexto marginal de constante

opressão e violência política. Seguidamente, Felipe Valentim perscruta, na teoria e na prática, os lugares éticos da direção teatral na contemporaneidade. Valentim percorre os discursos das “minorias” que tomam parte no sensível, propondo releituras de aspectos políticos, históricos e sociais para avaliar as existências que são construídas na cena teatral. Walquiria Batista reflete sobre a produção goiana, na cidade de Trindade, por meio das peças *Povo da Villa de Barro Preto de Goyaz* e *Rua da Alegria*, do Grupo Desencanto de Teatro. Ambos trabalhos discutem condutas e valores, ora questionando líderes políticos e religiosos consagrados pela história do município, ora focando um grupo de mulheres que foram excluídas da sociedade e silenciadas pelo discurso oficial. Encerrando a sessão, Richard Bertolin e Alberto Ferreira da Rocha Junior analisam a premiada *Incêndios*, de Wadji Mouawad. Sob a perspectiva da intertextualidade, o ensaio tem como objetivo analisar elementos

comuns às antigas tragédias na composição do enredo e da estética da obra de Mouawad, a fim de compreender de que forma tais elementos fortalecem a construção de uma tragédia contemporânea.

Na seção **Ensino de Literatura**, André Magri Ribeiro de Melo publica um ensaio sobre as relações entre discussões dos Estudos Culturais e o ensino de literatura na sala de aula, passando pelos descentramentos e pela mudança de perspectiva que a literatura pode proporcionar na formação de leitores críticos, considerando acadêmicos como Compagnon e teorias pedagógicas de Paulo Freire. Por fim, Sonia de Oliveira Barbosa, Luiz Cláudio Vieira de Oliveira e Viviane Bernadeth Grandra Brandão apresentam o artigo “Uma reflexão sobre a literatura infantil e o discurso da diversidade cultural” e discutem como essa literatura, ao questionar valores e paradigmas, propicia à criança a

oportunidade de apreender a cultura que está inserida de forma crítica.

A seção **Teoria, Crítica Literária, outras Artes e Mídia** é aberta por “Dinâmica literária na capital mineira do século XX: as gerações de Edifício e Tendência”, artigo em que Kaio Carmona analisa o papel dessas duas revistas na produção literária belo-horizontina; Ana Carolina Torquato Pinto da Silva, em “Memória e reconhecimento em ‘Nenhum, nenhuma’, de João Guimarães Rosa” pensa o conto de Rosa a partir do ponto de vista da memória e da diferenciação mesma entre o que seriam as primeiras e as segundas estórias em cada narrativa; João Paulo Ferreira defende em seu “Jorge Amado: romancista de 30 - Entre campo e cidade, elucidando o Brasil Moderno” a hipótese de que o escritor baiano pode também ser considerado, ao lado de contemporâneos, um dos grandes intérpretes da

realidade brasileira; Ketlyn e Janaina Rosa se debruçam em “Drowning the body in pain: Torture in *The Railway Man* and *Zero Dark Thirty*”, investigando como a representação da tortura em filmes de guerra demonstra o impacto desses eventos traumáticos no imaginário dos povos; na sequência, Vera Lopes Silva lida com os complexos conceitos de autoficção e memória a partir do conto “Ana C.” de Adriana Lunardi; em “As configurações do outro em *O moleque Ricardo*, de José Lins do Rego”, Giseli Ferreira Barros busca compreender as relações entre o primeiro livro de José Lins do Rego e o chamado *Romance de 30*; por fim, o artigo de Humberto Moarcir de Oliveira e Vera Bastazin relaciona literatura e psicanálise, a partir da obra *Homens imprudentemente poéticos*, de Valter Hugo Mãe, ancorando-se em conceitos como o de angústia e real.

Taís Matheus da Silva contribui na seção **Tradução e Edição** com o poema “Los que a traves de sus lágrimas”, da escritora espanhola Rosalía de Castro. Trabalhando com a tradução da métrica espanhola para a métrica portuguesa, a tradutora nos apresenta um poema de língua castelhana ainda pouco conhecido entre os falantes de português.

Na seção **Em Tese**, o artigo de Leonardo Von Pfeil Rommel aborda a poesia desencantada de Golgona Anghel, em diálogo com teorias da pós-modernidade.

Em diálogo com o tema do dossiê, as **Entrevistas** deste número foram realizadas com os chilenos Carlos Franz e Sara Rojo – com perguntas e tradução de Felipe Cordeiro. Franz é um dos escritores latino-americanos mais premiados da atualidade. Sua obra está traduzida em cerca de onze idiomas e conta com romances, ensaios, contos, crônicas e, conforme nos contou, está preparando sua



primeira peça teatral. Temas como memória ditatorial, conflitos geracionais, filosofia e tensionamentos entre ficção e romance documental percorrem praticamente toda a sua produção. Na conversa em questão, falamos sobre as imagens teatrais presentes em seu romance *El desierto* (2005) e de proposições que redimensionam sua narrativa ao flertarem com algumas constantes da tragédia ática. Sara Rojo, por sua vez, apesar de ter nascido no Chile, está radicada no Brasil há mais de duas décadas. Aqui participou da criação do Curso de Teatro da UFMG, bem como dos grupos Mayombe e Mulheres Míticas. Rojo é Professora Titular da UFMG e suas obras englobam as áreas de letras e artes, com ênfase em crítica e direção teatral. A pesquisadora (que foi a teórica mais citada pelos autores de nosso dossiê) nos falou, dentro outras coisas, sobre sua carreira como diretora, sobre a obra de Guillermo Calderón e sobre o teatro de pesquisa produzido em Minas Gerais.

Na seção **Resenhas**, Bruna Kalil Othero aborda O livro *fúcsia* – da linguagem tripartida, de Diogo Costa Ruffato, ilustrando como a experiência do próprio livro faz com que o leitor embarque em uma espécie de ménage literário, entre o autor, o leitor e a obra. Ana Elisa Ribeiro, por sua vez, aborda a exclusão das mulheres editoras em sua resenha da obra *Por el gusto de leer*, de Juan Cruz Ruiz. Ribeiro comenta sobre o pioneirismo de Beatriz de Moura, indicando mais mulheres editoras de destaque, sinalizando uma melhora da exclusão feminina do campo em comparação com o cenário do século XX. Finalmente, Gustavo Ramos de Souza discute *A Tirania do Amor*, de Cristóvão Tezza, observando os conflitos geracionais, as ambições e as diversas contradições de personagens que, embora à primeira vista pareçam caricaturais, ganham forma mais sólida com o desenvolvimento do romance.



Nas **Poéticas**, apresentamos o trabalho do arquiteto e artista plástico Lucas Simões, que também figura na capa deste número. Na produção de Simões, técnica e poética traçam relações inusitadas entre papeis, livros, concreto, aço, isopor... criando estabilidades limites a partir de materiais dissonantes. Fabrício Trindade e José Alberto In Concert construíram juntos a cena-curta *Para Rocío Jurado* e estão em processo de filmagem de um documentário homônimo. A dramaturgia apresenta a história de José Alberto, nascido em 1952, que tem 38 anos de carreira como cabelereiro, maquiador, artista plástico e ator transformista. José Alberto se apresenta em casas de show e saunas gay de Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo. Sob direção de Trindade, José realizou este ano seu sonho de estreiar no teatro. Ainda no âmbito teatral, apresentamos também fotografias e um relato de processo do espetáculo *Rua das Camélias*, da Cia Vórtica. Com direção geral de Gabriela

Luque, o grupo ocupou durante todo o ano de 2016 a Rua dos Guaicurus, em Belo Horizonte, considerada a principal zona de prostituição do Brasil. A pesquisa deu origem ao espetáculo que, literalmente, ocupa um hotel de “alta rotatividade” e procura revelar um pouco da vida que existe atrás do mito da rua e das mulheres que seguem, seletivamente, invisíveis. Leila Danziger divide conosco a obra *Bildung*, presente em suas exposições *Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas*, de 2014 e *Ao sul do futuro*, de 2018. O trabalho é realizado a partir de uma pequena biblioteca que acompanhou seus avós e seu pai ao escaparem da Alemanha nazista. Taciana Nogueira apresenta seu *Mergulho do corpo*, composto pelas séries *Estar sob*, *Imersão* e *Questionário*. A artista multimídia explora a materialidade da água em seus diferentes estágios, por meio de trabalhos que aglutinam performance, fotografia, pintura e videoarte. Em seguida, apresentamos a instalação *Só à distância mostra-se*

os dentes, de Hortência Abreu e Ricardo Burgarelli. A obra cria um imaginário mítico em torno do conflito conhecido como a Guerra do Paraguai. Assim, o objetivo de Abreu e Burgarelli é reatualizar as figurações sobre o conflito, uma vez que na historiografia do Estado brasileiro predomina o ocultamento de seu papel na devastação do Paraguai. Na sequência, Ana Martins Marques nos apresenta um poema inédito que flerta com as vastas potencialidades do objeto livro, tanto no plano físico quanto no que de simbólico e onírico cabe dentro e ao redor dele. Finalizando a seção, Gael Rodrigues nos mostra seu *Miraginário*, composto por microcontos e ilustrações também de sua autoria. Na literatura de Rodrigues, a realidade é subvertida a partir de um ônibus sem destino que conduz seu leitor por máquinas de sonhos, fatiadores de egos, significados de nuvens e óculos que recuperam a visão infantil de quem os usa.

Boa leitura!

*

Amanda Pavani
Carolina Anglada
Douglas Silva
Felipe Cordeiro
Melissa de Sá